



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão.

**CAMPUS DE SÃO BERNARDO**

**CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS / LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**CATARINA MARIA PEREIRA CARVALHO**

**UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O PESQUISADOR E  
SEUS INTERLOCUTORES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS**

SÃO BERNARDO

2022

**CATARINA MARIA PEREIRA CARVALHO**

**UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O PESQUISADOR E  
SEUS INTERLOCUTORES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS**

Trabalho de Conclusão de Graduação,  
apresentado à Universidade Federal do  
Maranhão- UFMA, como requisito parcial para  
obtenção de grau em Licenciatura em  
Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Kátia Cilene Ferreira  
França

SÃO BERNARDO

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho, Catarina Maria Pereira.

Um estudo sobre a relação dialógica entre o pesquisador e seus interlocutores em artigos científicos / Catarina Maria Pereira Carvalho. - 2022.

39 f.

Orientador(a): Kátia Cilene Ferreira França.

Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, Formato online. Via Google Meet., 2022.

1. Escrita acadêmica. 2. Filiação Teórica. 3. Interlocutor. 4. Pesquisador. I. França, Kátia Cilene Ferreira. II. Título.

**CATARINA MARIA PEREIRA CARVALHO**

**UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O PESQUISADOR E  
SEUS INTERLOCUTORES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dr<sup>a</sup>. Kátia Cilene Ferreira França- UFMA (Orientadora)**

Universidade Federal do Maranhão – UFMA  
Campus de São Bernardo

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Maria Francisca da Silva  
Universidade Federal do Maranhão- UFMA  
Campus de São Bernardo

---

Profa. Maria Regina Coelho Costa Moraes  
Secretaria Estadual de Educação do Maranhão – SEDUC/MA

Dedico de coração, este trabalho, a toda minha família, especialmente aos meus pais, minhas irmãs e ao meu sobrinho, que foram e continuam sendo a minha maior fonte de amor, inspiração e coragem.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão. Agradeço pelo teu amor, cuidado, força, saúde e coragem que me deste ao longo deste caminho. Momentos de aflições e conquistas tu estavas ao meu lado, sempre me fortalecendo para eu não desanimar durante todos esses anos de estudos.

Ao bem mais precioso, a minha família, aos meus pais João de Deus Alves Carvalho e Elissandra Maria Silva Pereira, por todo apoio, dedicação, amor e carinho ao longo dessa trajetória. As minhas irmãs Katrine Maria Pereira Carvalho e Karoline Maria Pereira Carvalho, pelo companheirismo e carinho. Ao meu sobrinho Kaleb Carvalho, por ser esta criança abençoada que alegre e preenche os meus dias de felicidade e amor. A minha família paterna pelas palavras de apoio. A minha família materna, em especial, a minha bisavó Lúcia que sempre que eu precisava me recebia com muito amor e cuidado em sua residência. Aos meus avós, tios e tias pelos ensinamentos, acolhimento, alimentação e traslado a mim concedidos quando precisava estar em São Bernardo para realizações de atividades.

À instituição de ensino Universidade Federal do Maranhão, pela oportunidade de ter realizado este curso único e tão especial.

Aos professores do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa, que contribuíram, com muita dedicação, para a minha formação acadêmica, em especial às professoras Eliane Pereira e Rachel Tavares.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que proporcionou a minha primeira experiência em sala de aula como professora. Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pela oportunidade de pesquisa. Ao Residência Pedagógica pelo riquíssimo ensinamento e fortalecimento nas minhas experiências como professora. Agradeço também a minha família acadêmica, o Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS), um grupo de aprendizados e afetos, que contribuiu muito com meu desenvolvimento de pesquisadora.

Com amor e carinho, agradeço a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Cilene Ferreira França, por suas importantíssimas contribuições na construção deste trabalho, por confiar na minha capacidade, pelo incentivo, por

oportunidades que me permitiram viver em grandes eventos acadêmicos, pelas belas palavras de força e apoio que foram um dos pilares mais importantes para eu conseguir enfrentar os desafios. Gratidão por ter sido essa professora tão dedicada, por se transformar nessa mãezona que a vida acadêmica me presenteou.

Registro também os meus agradecimentos cheios de saudades, aos meus amigos e companheiros de curso, especialmente Isabele Lima, Gabriele Alves, Hefraim Silva, Francisca Félix e Pamela Rayssa, por todo apoio, experiências e parcerias em trabalhos, pelas risadas, por momentos valiosos de conselhos e afetos. Muito obrigada, meus amigos, vocês foram essenciais ao longo dessa trajetória.

## RESUMO

A escrita acadêmica nos remete a uma série de reflexões, dentre elas a relação entre o pesquisador e o outro a quem o texto se endereça, o interlocutor, que mesmo de fora do texto tem sua presença marcada no interior de artigos que circulam em periódicos científicos. Levamos em conta que essa observação ajuda a ampliar o sentido do que se costuma nomear como filiação teórica, assim como, a explorar a opacidade que envolve a escrita acadêmica. Desse modo, o referido trabalho tem como objetivo analisar o diálogo entre o pesquisador e seus pressupostos interlocutores, a partir de operações linguísticas-discursivas observáveis em artigos que circulam em periódicos científicos. Os procedimentos metodológicos envolvem o levantamento de artigos das revistas maranhenses da área de Letras, observação e mapeamento de operações linguístico-discursivas que deixam o interlocutor à mostra, que indiciam o diálogo do pesquisador e o outro a quem o enunciado é endereçado. Como aporte teórico, buscamos apoio na concepção bakhtiniana (1997, 2006, 2016) de que todo enunciado, mesmo aquele que se apresenta pelo texto escrito, é produzido como uma reação-resposta que reflete condições e objetivos dos lugares sociais em que e para os quais cada um é construído, na ideia de que a palavra é um ato bilateral, que envolve aquele de quem ela procede e aquele para quem ela é dirigida. Consideramos os estudos de Authier-Revuz (2004) sobre o lugar do outro em um discurso, de França (2018) sobre a voz do enunciador na constituição da filiação teórica na escrita acadêmica. Esta investigação é fruto de um plano de trabalho do Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa (PIBIC) vinculado ao projeto de pesquisa Filiação Teórica e Produção Científica: análise dos periódicos maranhenses, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), desenvolvido no Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes(GEEPS).

Palavras-chave: Escrita acadêmica. Pesquisador. Interlocutor. Filiação Teórica.



## ABSTRACT

Academic writing leads us to a series of reflections, among them the relationship between the researcher and the other to whom the text is addressed, the interlocutor, who, even from outside the text, has a marked presence within articles that circulate in scientific journals. We take into account that this observation helps to broaden the meaning of what is usually called theoretical affiliation as well as to explore the opacity that involves academic writing. Thus, this work aims to analyze the dialogue between the researcher and his interlocutors assumptions, from linguistic-discursive operations observable in articles that circulate in scientific journals. The methodological procedures involve the survey of articles from the magazines from Maranhão in the area of Letters, observation and mapping of linguistic-discursive operations that leave the interlocutor exposed, which indicate the dialogue between the researcher and the other to whom the utterance is addressed. As a theoretical contribution, we seek support in the Bakhtinian conception that every utterance, even the one that is presented by the written text, is produced as a reaction-response that reflects conditions and objectives of the social places in which and for which each one is constructed, in the idea that the word is a bilateral act, which involves the one from whom it comes and the one to whom it is addressed. We consider the studies by Authier-Revuz (2004) on the place of the other in a discourse, by França (2018) on the voice of the enunciator in the constitution of theoretical affiliation in academic writing. This investigation is the result of a work plan of the Research Initiation Scholarship Program (PIBIC) linked to the research project Theoretical Affiliation and Scientific Production: analysis of Maranhão periodicals, supported by the Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil. Maranhão (FAPEMA), and developed in the Writing and Knowledge Production Study Group (GEEPS).

Keywords: Academic writing. Researcher. Interlocutor. Theoretical Affiliation.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Recortes do artigo 1. ....	29
<b>Quadro 2</b> – Recortes do artigo 1. ....	31
<b>Quadro 3</b> – Recortes do artigo 2. ....	33
<b>Quadro 4</b> – Recortes do artigo 2. ....	35

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM EM BAKHTIN</b> .....	14
<b>2.O PESQUISADOR E SEUS INTERLOCUTORES: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA E MARCADA PELA ALTERIDADE</b> .....	17
<b>3. A PESQUISA CIENTÍFICA E A FILIAÇÃO TEÓRICA</b> .....	22
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	25
4.1 Os periódicos científicos: um ambiente de divulgação do conhecimento científico.....	26
4.2 Seleção do corpus.....	27
<b>5.A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O PESQUISADOR E SEUS INTERLOCUTORES NA ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS</b> .....	29
5.1 Anúncio do vínculo da pesquisa a projetos e instituições.....	29
5.2 A posição enunciativa do pesquisador.....	31
5.3 Orientação teoricamente legitimada.....	33
5.4 Recomendação e expectativa.....	35
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se da continuidade de uma pesquisa que foi desenvolvida no período de 2020 a 2021 no Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), como atividade do projeto de pesquisa Filiação Teórica e Produção Científica: análise dos periódicos maranhenses, desenvolvida por uma pesquisadora integrante do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS), o qual foi ampliado com a finalidade de transformá-lo em um Trabalho de Conclusão de Curso.

A problematização desta pesquisa se dá a partir da concepção bakhtiniana de que todo enunciado é elaborado de modo orientado, considerando o interlocutor real ou pressuposto, de que a palavra é um ato bilateral e que envolve aquele de quem ela procede e aquele para quem é dirigida, assim, busca-se, dessa forma, compreender: como o diálogo entre pesquisador e seus interlocutores se estabelece? Que operações mostram essa interação? O que esse diálogo diz sobre a filiação teórica?

Diante do exposto, nosso objetivo é analisar a relação dialógica estabelecida entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos impressa na escrita de artigos científicos, especificamente, é uma investigação sobre as formas de negociações que o pesquisador realiza ao interagir e deixar o seu interlocutor à mostra. Importa-nos olhar para a escrita acadêmica como um ato de orientação da palavra no sentido de escrita endereçada, a partir da concepção de que entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos são estabelecidas relações de interações responsivas dialógicas.

Nesse viés, compreendemos a escrita acadêmica, como uma escrita que retoma o outro, a voz científica, no sentido de fundamentar o “meu dizer” e como uma escrita que direciona este dizer altamente legitimado ao outro, na qual se caracteriza como o receptor/interlocutor da minha escrita. Deste modo, na escrita acadêmica, o pesquisador deveria seguir regras e delimitações que precisam ser levadas em consideração. Assim, podemos observar que o discurso citado aparece de forma marcada no texto. Já na forma de direcionar a escrita para um interlocutor, não temos o domínio específico dessa marcação, ou seja, o interlocutor não aparece diretamente materializado na

escrita do pesquisador. Os interlocutores são aqueles que se fazem presentes desde a decisão do pesquisador através das seguintes perguntas: “Para quem eu direciono esta pesquisa?” “Como eu escrevo para alcançar aquele para quem a pesquisa é direcionada?”. Para isso, o pesquisador molda o seu dizer através de estratégias que elaborem aquilo que ele quer dizer e para quem ele quer dizer. Essas estratégias são observáveis em operações linguístico-discursivas impressas na escrita do pesquisador que, de acordo com França (2018) são as formas de negociações que o pesquisador faz com o interlocutor na escrita acadêmica.

Para a chegada da escrita aos interlocutores, o pesquisador socializa e faz a divulgação da pesquisa por meio dos periódicos ou revistas científicas, que são um ambiente de divulgação do conhecimento científico que revela os diálogos estabelecidos pelo pesquisador com os representantes do discurso científico, e o diálogo entre pesquisador e seus interlocutores pressupostos. O funcionamento do discurso científico se caracteriza por regras, que exigem um alto investimento para sua aprendizagem.

Entender essas regras é fundamental para as negociações de sentido do sujeito, que se empenha em fazer sua voz ser ouvida e, no caso da escrita acadêmica, reconhecida como a voz de quem conhece as regras da cultura acadêmica e é capaz de contribuir com sua continuidade. Nesse processo, citar a palavra alheia associada a um nome tem função classificativa, o conceito é um dado a partir do qual aquele que cita deve criar, apresentar novidades, enquanto tentativa de dizer o relevante na cultura acadêmica.

Assim, para entender as operações que mostram a interação entre o pesquisador e seus interlocutores, temos como nosso objeto de análise artigos científicos publicados em revistas maranhenses da área de Letras no formato *online*. São artigos que tratam sobre língua e ensino, que estão situados na revista *Afluente: Revista de Letras e Linguística* e na *Revista de Letras- Juçara*. Esta busca consiste no mapeamento dos artigos, na categorização das operações linguístico-discursivas, e na discussão do sentido de interação entre o pesquisador e os interlocutores na escrita acadêmica.

Para esta pesquisa, partimos da concepção de Bakhtin (1997, 2006, 2016) sobre o dialogismo e o ato bilateral da palavra; de França (2018) sobre a

voz do enunciador na constituição da filiação teórica na escrita acadêmica e de Authier-Revuz (2004-1990) sobre o lugar do outro em um discurso.

Por conseguinte, a estrutura desta monografia está organizada em cinco capítulos: no primeiro capítulo, discutimos sobre a concepção de linguagem defendida por Bakhtin. Esta, por sua vez, configura-se em caráter dialógico, na qual se dá por enunciados atravessados pelos discursos outros, pela comunicação entre falante e ouvinte, com a finalidade de compreender e responder. No segundo capítulo, discutimos a relação dialógica marcada pela alteridade estabelecida entre o pesquisador e o seu interlocutor, pelo viés de escrita endereçada, pois quem escreve, escreve para alguém e na concepção dialógica, o pesquisador busca escrever com instâncias que instaure o seu interlocutor, pois ele busca a compreensão responsiva ativa de quem ler o seu texto.

No terceiro capítulo, a discussão trata sobre o dialogismo na escrita de uma pesquisa, pois o pesquisador escreve em meio os já-ditos e direciona sua escrita para um leitor; sobre a filiação teórica, pois quem escreve cientificamente precisa apoiar-se em teorias para fundamentar o seu dizer. No quarto capítulo, apresentamos o percurso metodológico de realização das análises. No quinto capítulo, fizemos as análises dos fragmentos recortados e nomeados dos artigos que foram utilizados como objeto de estudo. E por fim, apresentamos as considerações finais de acordo com as categorias de análises que foram mapeadas e analisadas.

## **1. CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM EM BAKHTIN**

Bakhtin (1997) faz uma crítica à compreensão de teorias que discutem as funções da linguagem como uma limitação à expressão da natureza subjetiva, a qual é considerado apenas o ponto de vista do locutor sozinho, sem relação com os outros parceiros da comunicação verbal, e quando é pensado no papel do outro, é como um destinatário passivo que se limita em apenas compreender o locutor. Segundo Bakhtin (1997), essa é mais uma concepção errada das funções comunicativas da linguagem. Na teoria bakhtiniana, a concepção de linguagem se dá por sua natureza de comunicar-se em direção ao outro, como um produto vivo da interação verbal. Esta, por

sua vez, acontece de forma dialógica no sentido de que toda e qualquer palavra é sempre destinada e orientada para o outro, ou seja, as palavras são sempre carregadas de sentidos, sendo impossível encaixar-se em um universo neutro.

Considerando o que foi postulado, Bakhtin/Volóchinov (2006) argumenta que toda palavra possui duas faces: a primeira se caracteriza pelo fato de que ela procede de alguém, e a segunda se determina pelo fato de se dirigir para alguém “Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2006, p.115). Neste sentido, a interação verbal se dá a partir de enunciados entre dois parceiros, o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor), parceiros da interação verbal que sempre se dirigem um ao outro.

Esse caráter dialógico aqui apresentado não significa que o locutor dirige a palavra para um ouvinte que compreende de modo passivo, a palavra ingressa num diálogo em que os sentidos não apresentam marcas específicas da finalização. A palavra dirige-se para um interlocutor que se encontra na posição responsiva ativa do discurso que compreende e responde, assim, os sentidos são infinitos, pois “A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta.” (BAKHTIN, 1997, p. 357).

Sobretudo, o diálogo, segundo Bakhtin/Volóchinov (2006) é uma das formas mais importantes da interação verbal, para ele não se trata de um diálogo face a face ou a ideia de um dialogismo estreito. Neste sentido, o diálogo não se estabelece por frases que tendem a se repetir, por orações com falas prontas e acabadas ou pelas combinações de palavras, mas através de enunciados que se produzem pelo sujeito, caracterizando-se como um ato individual, à medida que pertence àquele que enuncia atendendo a especificidade do contexto inserido, pois cada enunciado responde às particularidades em relação ao conteúdo e a sua construção composicional, ou seja, ele está presente no diálogo, retomando o já dito e deixa marcas de transmissão à palavra do outro.

Com base na concepção bakhtiniana, Fiorin (2011) afirma que os enunciados são as unidades reais da comunicação, enunciados-respostas, que apresentam um acabamento específico de transferência da palavra para o outro, sendo assim acontecimentos únicos impossíveis de se repetirem.

Assim, Bakhtin (1997, p. 320) defende que “O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto” o enunciado do pesquisador se constitui de enunciados anteriores, isso reflete automaticamente na compreensão do interlocutor, em como esse interlocutor recebe e discute acerca do objeto. O enunciado do pesquisador elabora-se com a função de ser precedido, visto que, sempre escreve se direcionando ao interlocutor em busca da compreensão ativamente responsiva.

À vista disso, o diálogo se dá por enunciados num espaço de dinâmica do processo de interação das vozes sociais, em manifestações mais extensas, mais alteradas e mais complexas entre o eu e o outro, que envolve o contexto cultural, as diferenças, os encontros e desencontros, ou seja, se dá a partir de manifestações dialógicas. Os discursos estão entrelaçados e ligados aos discursos de outrem, de acordo com Fiorin (2011) há uma dialogização interna da palavra:

Que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciadador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, 2011, p. 15)

Uma marca do dialogismo é a presença do discurso alheio nas palavras do eu, o discurso não nasce sem a constituição das palavras do outro. Ou seja, o discurso é sempre heterogêneo, sempre acomoda outros discursos em sua essência. São relações de sentidos que se estabelecem entre dois enunciados no processo de constituição de um discurso, que segundo Authier-Revuz (1990), esse processo é chamado de heterogeneidade constitutiva, pois em sua constituição, todo discurso traz as palavras do outro, uma vez que, esta não está marcada linguisticamente no fio do discurso.

Além disso, o dialogismo se estabelece por vozes sociais que estão em ação de responsividade ativa, através de enunciados que mantêm relações de sentidos entre si. Em Bakhtin, de acordo com Faraco (2009), o diálogo é organizado em três dimensões diferentes: a primeira dimensão é a que todo dizer deve se orientar para o já dito, os enunciados não se constituem do nada, eles são réplicas que se constroem dentro da memória discursiva, ou seja, o discurso não se origina no locutor.



Na visão de Bakhtin (1997, p. 319) “Um locutor não é o Adão bíblico” pois quando o locutor se pronuncia a um determinado objeto de discurso, este objeto em certo momento já foi discutido ou está sendo discutido, ele não é visto como um autor da palavra original, e o processo que acontece é o de cruzamento das vozes sociais com os discursos anteriores, assim, formando novos discursos com possibilidades de se encontrar ou se separar por diferentes pontos de vista.

A segunda dimensão é que todo dizer é orientado para uma resposta. Aqui o enunciado não só nasce de enunciados anteriores, como articula uma forma que mostre a espera de uma nova réplica. O enunciado carrega marcas de influências a respostas antecipadas. A primeira e a segunda dimensão resumem-se a enunciados que respondem o já dito e enunciados que sucedem diversas respostas. A terceira dimensão é que todo dizer é internamente dialogizado. O diálogo é constituído por enunciados heterogêneos, no qual ocorre uma articulação de múltiplas vozes sociais com encontros e desencontros. Desse modo, o falante e o ouvinte vivem em constantes relações dialógicas, que são situados em dois mundos diferentes, nos quais se encontram para a construção de um novo mundo, caracterizado como o terceiro mundo, constituído pela interação viva e tensa, pelo discurso de outrem e o ato de compreensão responsiva ativa, o ato que o falante apresenta possíveis respostas do interlocutor.

Em síntese, na concepção bakhtiniana de linguagem a elaboração de enunciados é uma ação totalmente dialógica sendo constituída por discursos já ditos. O posicionamento do locutor na construção de seu enunciado é em função daquele que vai receber, compreender e responder, caracterizado como interlocutor, que é um posicionamento acompanhado de marcas específicas que pressupõem ouvintes e, assim, o locutor se preocupa com a forma como se dará a reação-resposta do interlocutor.

## **2. O PESQUISADOR E SEUS INTERLOCUTORES: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA E MARCADA PELA ALTERIDADE**

De acordo com a discussão anterior sobre a concepção bakhtiniana de linguagem, o dialogismo ou relações dialógicas está instituída em razão do

discurso ou diálogo determinado entre o “eu” e o “outro”, pois, para Bakhtin (1997), o “eu” só se constitui e toma consciência de si através das palavras do outro. Nessa perspectiva, a palavra se apresenta por natureza dialógica e estabelece relações de interação entre os homens. Nas palavras de Bakhtin (1997, pág. 378):

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. (BAKHTIN, 1997, 378)

Como destaca o referido autor, o eu recebe seu nome através da relação com o outro, tanto na maneira de pronunciá-lo, quanto na entonação que é dada, ou seja, todas essas posições e diferenças encontram-se e contribuem para que o sujeito tenha a formação original de si mesmo. Dessa forma, o sujeito constitui-se e transforma-se sempre pela relação com o outro. A consciência de si se estabelece pela relação com a consciência do outro, esta, é uma relação inseparável. Os enunciados, de acordo com Bakhtin (1997), são historicamente individuais sem possibilidade de repetição, mesmo que em sua constituição, o sujeito, concorde inteiramente com enunciados dos outros, ele não será constituído igual ao outro, são dois parceiros, duas vozes distintas da comunicação verbal que concordam entre si, à medida que cada um ocupa um lugar único, neste viés, são processos das relações dialógicas marcada pela alteridade. Bakhtin (1997, pág. 314) argumenta que:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, pág. 314)

Sendo assim, o nosso dizer é carregado pelas palavras dos outros, em que apresentam vários pontos de encontros e desencontros, os sentidos vão se alternando entre a assimilação e a alteridade. Nesse ponto de encontro, a palavra vai se transformando em palavra minha, ou seja, na palavra que é impregnada de expressividade do locutor, pois ele usa numa determinada

situação e com uma determinada intenção discursiva. Nesse sentido, o sujeito é atravessado pelo outro e para o outro, neste movimento podemos entender que se trata da melhor maneira de transformar o meu dizer para ir ao encontro da resposta ativa do outro, ou melhor, dos outros.

Além disso, em seus estudos, Amorim (2004) discute a alteridade pela definição daquilo que é o outro que eu, ou seja, aquilo que contrapõe-se, que apresenta-se como diferente. O sujeito vai de encontro com as diferenças do outro, há espaço para mais de um ponto de vista, e nunca para o desconhecimento do outro, pois a alteridade possibilita a aceitação e a interpretação com todas as diferenças.

Nesse sentido, Amorim (2004) nos diz que no ato de pesquisar, o pesquisador assume o papel daquele que recebe e acolhe o estranho, este, por sua vez, caracteriza-se como o objeto de sua pesquisa. O pesquisador caminha por problematizações no sentido de serem desconhecidas, e assim, por buscas de respostas, ele se familiariza tanto com a área pesquisada, quanto com aquele para quem ele direciona a pesquisa. Assim, para esta proximidade, o pesquisador “[...] abandona seu território, desloca-se em direção ao país do outro, para construir uma determinada escuta da alteridade, e poder traduzi-la e transmiti-la.” (AMORIM, 2004, pág. 26).

No diálogo do eu/pesquisador com o outro/interlocutor, o pesquisador entende que a sua forma de expressão e constituição convive, e de certa forma depende do interlocutor. A dita constituição, segundo Amorim (2004) não interfere na identidade do pesquisador e do interlocutor, são papéis que mantêm contato dialógico, à medida que não têm suas identidades desfeitas, mas sim o encontro das identidades e das diferenças. Portanto, é pelo reconhecimento da alteridade e do dialógico que há possibilidades de encarar a diferença, o pesquisador se propõe a ajustes de sua escrita, em que o seu ponto de vista é transformado, quer dizer, é alterado pelo outro.

Em virtude disso, o papel enunciativo do pesquisador busca pela melhor forma para se expressar, criar um ambiente em que seja possível a compreensão por parte de quem ler a pesquisa. Ao pensar em uma escrita para a publicação, o pesquisador se coloca no lugar daquele que avalia o seu texto, escreve considerando a visão de quem vai ler e avaliar. Dessa forma, é impossível pensar no pesquisador fora das relações que o vinculam ao outro,

ou seja, aos seus interlocutores, uma vez que, o pesquisador é um sujeito constituído pela alteridade, pois este interpreta as diferenças que existem nesta inter-relação como forma de compreender o outro e a si mesmo.

Nessa perspectiva, o pesquisador e o interlocutor constroem os sentidos discursivamente nas interações verbais através de enunciados enquanto discurso dialógico, assim, podemos observar o quão é importante o papel do outro na constituição dialógica da consciência individual, pois as relações dialógicas sucedem pela compreensão responsiva ativa, que para Bakhtin (1997, p. 291):

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 291).

É dessa forma que o pesquisador enquanto “eu” está presente no seu discurso. Ele escreve para alguém, seja para interlocutores na posição de avaliadores, seja para interlocutores pressupostos da área a que se destina a pesquisa. Esse processo nos faz entender a escrita acadêmica como um ato de orientação da palavra no sentido de escrita endereçada, a partir da concepção de que entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos são estabelecidas relações de interações responsivas.

Como vimos, a relação dialógica se dá por enunciados que possuem acabamentos específicos que marcam a posição do locutor (diálogo real), assim possibilitando o ouvinte a tomar uma posição responsiva (réplica do diálogo), tornando esse enunciado em “[...] objeto de análises posteriores” (BAKHTIN, 1997, p. 294). Dessa forma, o interlocutor recebe e compreende a significação de um discurso, podendo concordar, discordar ou completar, tendo assim, uma compreensão do objeto de discurso do locutor.

Ademais, na relação dialógica entre locutor e interlocutor, Bakhtin (2016, p. 113) ressalta que “Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para a sua resposta”. Os interlocutores não estão diretamente materializados na escrita do pesquisador, isso não quer dizer que ele não possa ser recuperado, pois, pelo contrário, o interlocutor se faz presente desde o momento de decisão do pesquisador “Para quem eu

direciono esta pesquisa?”. O pesquisador elabora estratégias que envolvem formas da língua, aquilo que ele quer dizer e como ele quer dizer. As estratégias possuem marcas específicas que buscam a reação-resposta do interlocutor, por exemplo, em uma sala de aula que o professor encontra-se no papel de um locutor, na qual se preocupa e busca a melhor maneira possível para ter um diálogo compreensivo com os seus alunos, neste caso os seus interlocutores.

Segundo Bakhtin (1997), o enunciado é elaborado com cargas de discursos outros, mas esses discursos não se referem apenas aos discursos anteriores, visto que o enunciado se constitui de discursos que estão por vir, pois espera de seus interlocutores uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. É fato que em sua construção o enunciado está sempre voltado para um destinatário, o locutor constitui o seu enunciado através de formas e concepções do destinatário, ou seja, o locutor dirige-se a alguém tendo o conhecimento de suas especificidades, na qual Bakhtin (1997) o nomeia como o índice constitutivo do enunciado.

A construção dos enunciados se dá no contexto em que o locutor faz um jogo de selecionar palavras para formular uma mensagem compreensiva para o seu destinatário. Bakhtin (1997) questiona a imagem que o locutor percebe e imagina do seu destinatário. Para ele, é a partir dessa imagem que são determinados os elementos fundamentais para a sua produção, ele busca uma adequação do seu discurso em relação a imagem do interlocutor: o estilo do enunciado.

Sobre a adequação de discurso do locutor percebemos que:

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc., pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. (BAKHTIN, 1997, p. 321)

Nessa perspectiva, quem escreve vai em direção aquele que carrega marcas do que está sendo dito. O interlocutor não é um ser mudo, ele é carregado de palavras interiores que vão de encontro ao discurso apreendido

no mundo exterior. São as palavras do interlocutor que entram em contato com outras palavras fora dele. O fundo perceptivo do interlocutor, diz respeito a sua constituição, suas experiências e vivências.

Esses motivos contribuem diretamente para a escolha do estilo, a forma composicional e a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, a concepção do destinatário que determina o gênero do enunciado, pois os gêneros do discurso se transformam e se adaptam às exigências do contexto. Por exemplo, na escrita acadêmica, o pesquisador que constrói um artigo científico preocupa-se em escrever para aqueles interlocutores que tenham informações, conhecimentos e que fazem parte da cultura acadêmica, pois no ato da leitura, os interlocutores respondem o texto internamente ou externamente de acordo com as suas percepções e com suas palavras interiores.

### **3. A PESQUISA CIENTÍFICA E A FILIAÇÃO TEÓRICA**

Em seus estudos, com base no dialogismo de Bakhtin, Authier-Revuz (2004) o compreende como um duplo dialogismo, um discurso que se constrói a partir do já-dito de outros discursos, e o discurso construído considerando a quem o enunciado é endereçado. A escrita de uma pesquisa se encaixa na perspectiva desse duplo dialogismo, pois ela nasce tanto de objetos que o pesquisador tenha curiosidade de investigar, ou seja, um enunciado que surge de outros enunciados, pois segundo Authier-Revuz (1990) a linguagem está sempre atravessada pela palavra do outro, quanto dos propósitos do destinatário que determinam o processo de produção do discurso.

Escrever uma pesquisa exige delimitações, uma delas consiste na teoria que fundamentará a pesquisa, ou seja, as vozes do discurso científico que atravessam o dizer do pesquisador com o intuito de apoiá-lo, de tornar o discurso do pesquisador teoricamente legitimado. A fundamentação teórica se caracteriza como um item importantíssimo da escrita acadêmica, pois o meu dizer se amplia em outros ditos que vieram antes de mim, é uma forma de provar o meu dizer, delimitando uma pesquisa desenvolvida com apoio de vozes teóricas que dialogam com os discursos daquele que escreve.

A escrita acadêmica está o tempo todo retomando a palavra do outro, porém dentro deste universo, quem escreve precisa se preocupar em como o

outro aparece no seu dizer, em como mostrar a sua posição enunciativa e o lugar do outro. Melhor dizendo, o pesquisador preocupa-se com as limitações que há entre seu ponto de vista e a teoria que o fundamenta.

Podemos olhar as formas que delimitam a posição enunciativa às teorias que fundamentam o dizer do pesquisador por duas grandes perspectivas, as quais se preocupam com as formas de transmissão do discurso alheio, a primeira pelo o que argumenta Authier-Revuz (2004) sobre a heterogeneidade mostrada, que configura-se por formas explícitas do discurso outro que o pesquisador deixa à mostra no fio do discurso, ou seja, são “[...] processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32) que acontece por formas sintáticas marcadas (discurso direto, aspas, itálicos), e por formas não marcadas (ironia, metáforas). Essa forma mostrada de citar, acontece tanto porque a palavra do outro sustenta o dizer do enunciador, quanto porque o enunciador precisa mostrar para o seu interlocutor que ele tem conhecimento de que aquele pensamento não nasceu de si.

A segunda perspectiva, configura-se pela visão de Bakhtin (2006) em conservar a integridade e autenticidade do discurso de outrem, por meio de demarcações que separam o discurso citado da enunciação do pesquisador, ou seja, por fronteiras nítidas e isoláveis. Esta, por sua vez, é denominada de estilo linear de citação do discurso alheio, que tem como tendência principal “criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado” (BAKHTIN, 2006, p. 153). Em resumo, essas duas perspectivas nos apresentam formas marcadas que são possíveis olhar nitidamente para as limitações que há entre o já dito e a réplica.

No que exige a escrita acadêmica em relação ao diálogo que se estabelece entre o pesquisador e a palavra alheia, segundo França (2018) é denominada de filiação teórica, um diálogo em que os enunciados vão se construindo e se fortalecendo, pois toda pesquisa é feita em meio a já-ditos, é uma continuação dos dizeres outros que nos antecedem e contribuem com nossa compreensão específica aplicando esses já-ditos ao nosso objetivo.

Dito isso, a filiação teórica não é algo natural, esta, por sua vez, é uma condição de uma escrita imposta dentro do universo acadêmico, ou seja, dentro da universidade que se caracteriza como uma instituição de produção de conhecimento. Os conhecimentos precisam ser bem elaborados e divulgados,

e para isso a universidade exige uma escrita específica que siga e atenda às normas da escrita acadêmica, esta, apresenta suas peculiaridades dentro de um referido campo de comunicação.

Assim, a escrita acadêmica é um gênero discursivo, que de acordo com Bakhtin (2016) ela é constituída a partir de suas exigências específicas, como o seu conteúdo temático, o seu estilo, e sua construção composicional. Uma de suas exigências apresenta-se pelo pesquisador na constituição do seu dizer, pois essa constituição se dá pelo diálogo daquele que escreve a pesquisa com vozes do discurso científico.

A filiação teórica é parte de uma cultura acadêmica e fruto da tradição de normas e regras que devem ser adotadas e seguidas. Quem escreve precisa seguir a cultura do universo acadêmico, deve atender a uma escrita bem articulada de acordo com os critérios estabelecidos.

Para a publicação de uma pesquisa em periódicos científicos, por exemplo, cada periódico exige conforme as suas normas, mas apresentam critérios da escrita acadêmica no geral, como o título da pesquisa, se está clara ao assunto, a relevância do tema, a concordância da escrita com a filiação proposta, se há diálogo entre o pesquisador e a filiação teórica, e a articulação das partes constituintes do trabalho.

Dentre esses critérios podemos ver que a filiação teórica não passa despercebida, ela é um dos critérios constitutivos de uma pesquisa, uma marca de identificação do sujeito, aquele que marca o lugar de pesquisador dialogando com diversas vozes. O diálogo entre o pesquisador e aquele para quem ele escreve, se estabelece por relações dialógicas no ato de compreender e responder ativamente.

O pesquisador segue as normas da escrita acadêmica, mas não é apenas por seguir um ritual, e sim por se preocupar com quem vai ler a sua escrita, pois na teoria bakhtiniana, os enunciados são elaborados para ir de encontro a um destinatário. Authier (2004) argumenta a respeito da à adequação da palavra, à coisa e à situação. O locutor busca por formas de dizer da melhor maneira possível. A referida autora, apresenta um exemplo que diz “x, ou melhor, y”, este, por sua vez, configura-se como uma das formas de mostrar as adaptações que o locutor faz em busca da transparência do diálogo com seu interlocutor.



No caso da submissão de um trabalho para a divulgação em periódicos científicos, o pesquisador deve escrever um texto relevante para que haja um alcance de compreensão e resposta ativa de quem vai ler e avaliar a qualidade de sua escrita, estes, por sua vez, são os pareceristas, profissionais avaliadores do texto acadêmico, que conhecem e seguem o ritual da escrita acadêmica. Além dos pareceristas, a escrita é destinada a diversos interlocutores, um outro destinatário se apresenta pelos leitores da área a que a escrita é destinada.

Nesse contexto, a delimitação teórica é um critério fundamental na escrita acadêmica, primeiramente pelo viés dos avaliadores da escrita, no sentido de que a pesquisa precisa ter uma delimitação teórica, e diálogo entre as vozes de fundamentação do trabalho. E, segundo, pelo ato de esperança que é expressado pelo leitor ao ver a filiação teórica daquela escrita. Dessa forma, França (2018) afirma que:

O interlocutor é um ente familiar que assim ajuda o sujeito a compreender que a filiação não se resume à uma herança genética, ela faz parte de um processo cultural de interiorização de regras dos grupos. Falar, compreender, agir de acordo com essas regras define a descendência do sujeito. A avaliação desse processo de interiorização não cabe ao sujeito, mas ao outro, o ente exterior da família que observa, examina e legitima ou não o lugar do sujeito como descendente. (FRANÇA, 2018, p. 165-166)

Em vista disso, o interlocutor é uma voz que se faz presente na filiação teórica, que não se mostra pela materialidade do texto, e sim por indícios organizados que o pesquisador faz na constituição do seu texto. O interlocutor é marcado por operações linguísticas da posição enunciativa de quem escreve. Dito isso, o capítulo a seguir apresenta a constituição do *corpus* dessa pesquisa, que consiste na escrita de artigos científicos presentes em periódicos maranhenses.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste item, nosso intuito é fazer um esboço de modo explícito e essencial do percurso metodológico que direcionará as análises desta investigação. As análises se caracterizam em olhar os movimentos dialógicos que o pesquisador mantém com seus interlocutores na escrita de artigos

científicos que circulam em periódicos científicos maranhenses. É uma investigação que não olha diretamente para a materialidade do texto, e sim para as operações linguísticas-discursivas que deixam à mostra o interlocutor na escrita de uma pesquisa, ou seja, olhar como o pesquisador instaura e dialoga com seus interlocutores, pois quem escreve, escreve para alguém, e busca se fazer compreensível por aqueles que irão ter contato com a sua escrita.

Nesse sentido, entendemos que a escrita acadêmica é uma escrita altamente qualificada que permeia por um ambiente que se caracteriza por uma cultura de regras e delimitações do universo acadêmico. Além disso, escrever academicamente é discorrer sobre as leituras e os conhecimentos teóricos apreendidos e discutidos dentro da universidade. É uma forma do pesquisador fazer investigações, defender ideias, problematizar e responder com apoio de vozes teóricas que legitimam o seu dizer. Desse modo, quem escreve busca por melhores maneiras de se expressar, o intuito é fazer circular essa escrita, é divulgar os resultados discutidos, que não limitam-se apenas em quem está inserido na cultura acadêmica.

Em vista disso, vale ressaltar o meio de divulgação da escrita acadêmica. Quem escreve almeja por publicações de fácil acesso, tanto no formato impresso quanto *online*, por locais de publicações confiáveis que apresentem qualidade na escrita, que apresentem novidades em pesquisas etc. Assim, como já vem sendo levantado nesta pesquisa, os periódicos científicos são importantes e significativos na divulgação do conhecimento científico. Em torno disso, percebe-se a necessidade de uma discussão mais profunda sobre o que são os periódicos científicos. Vejamos a seguir.

#### 4.1. Os Periódicos Científicos: um ambiente de divulgação do conhecimento científico

Segundo Mueller (2000), os periódicos científicos surgiram no século XVII como uma das mudanças que marcou a comunidade acadêmica naquela época, pois esta ocorrência promoveu com facilidade a divulgação de fontes de informações entre os pesquisadores e instituições de pesquisas. Os periódicos científicos, segundo Mueller (2006, p. 27), são “[...] canais preferenciais para a certificação do conhecimento científico e para a comunicação autorizada da

ciência”, assim, os periódicos científicos são caracterizados como o meio mais utilizado e atualizado para a propagação do conhecimento científico podendo ter cruzamento das produções científicas de diferentes áreas com diversos pesquisadores, que tanto objetivam divulgar seus resultados de pesquisas, quanto buscam por informações acerca de autores, temas e títulos, com grande possibilidade de propagar novas pesquisas.

Assim como vários meios de divulgação do conhecimento científico, os periódicos científicos precisam atender a fixos critérios que são exigidos para que possam ser publicados. Esses critérios consistem na forma de citar o outro, no diálogo que o pesquisador faz com a voz do outro, na concordância da escrita com a filiação proposta, na formatação etc.

Desse modo, para a publicação em revistas científicas, o pesquisador precisa articular de forma clara e objetiva a sua escrita, ter um olhar atento e escrever primeiramente atendendo as normas do periódico que deseja ter sua escrita publicada, assim, precisa-se pensar tanto no interlocutor que encontra-se na posição de avaliador, quanto nos leitores que deseja alcançar com sua pesquisa.

Os periódicos se classificam em números/fascículos organizados em volumes que se caracterizam pelo formato de publicação mensal, semestral ou anual, estes, por sua vez, possuem suas caracterizações de identificação, e nos números, os periódicos publicam resultados de pesquisas por meio da escrita de artigos, resenhas, ensaios, relatos de experiências entre outros.

Dessa forma, buscamos analisar artigos que circulam em periódicos científicos (maranhenses), por se tratarem de uma escrita que se caracteriza pelo seu alto nível de qualidade dos trabalhos acadêmicos, por sua forma de transmissão de investigações que mostram total relevância, por sua representatividade como produção de conhecimento científico e por ser uma escrita que deixa marcas de uma escrita endereçada.

Mediante o exposto, podemos perceber nitidamente a importância que os periódicos científicos têm no desenvolvimento e na divulgação do conhecimento científico. Neste meio de divulgação, encontram-se trabalhos que precisam ser lidos e que de alguma forma são avaliados com o intuito de contribuir para aquele que está na posição de leitor/interlocutor. Em síntese,

os periódicos científicos são altamente significativos para a divulgação da ciência.

#### 4.2. Seleção do Corpus

Com o intuito de mostrar a relação dialógica entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos, faremos análises de artigos científicos que circulam em revistas científicas maranhenses da área de Letras. Para a delimitação das análises, fomos à procura de artigos que tratem sobre o ensino de língua e ensino nas edições das revistas Juçara e Afluente. Inicialmente, buscamos por edições *online* da revista Afluente, periódico de Letras e Linguística, criada pela Coordenação de Letras, da Universidade Federal do Maranhão, do Campus Bacabal. Fizemos o mapeamento das edições referentes ao ano de 2018 a 2019. Nesta revista, encontramos um artigo intitulado “*Os processos de alfabetização e letramento de alunos surdos a partir da escrita da língua de sinais no sistema SignWriting*” que aborda a alfabetização e letramento de alunos surdos. Nomeamos este artigo como: *Artigo 1. Os seus pesquisadores de Pesquisador 1 – P(1)*.

Em busca de mais produções científicas que nos mostrassem o diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores, mapeamos as edições de 2019 a 2020, da Revista de Letras - Juçara, ligada ao Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Caxias. Encontramos outro artigo, este, por sua vez, aborda o ensino de língua portuguesa, através das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Este artigo é intitulado “*Tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino da língua portuguesa*” e foi nomeado como: *Artigo 2. Os seus pesquisadores de Pesquisador 2 – P(2)*.

Considerando a concepção de Bakhtin (1997) de que todo enunciado é elaborado voltado para um destinatário, todos os artigos mapeados apresentavam regularidades do diálogo do pesquisador que deixa seu interlocutor à mostra. O *Artigo 1* e *Artigo 2*, foram selecionados porque apresentavam discussões sobre o ensino de língua e por melhor mostrar, segundo França (2018) as negociações de sentidos que o pesquisador faz para instaurar o seu interlocutor.

No próximo capítulo, vamos analisar os movimentos dialógicos realizados por quem escreve a pesquisa em direção àquele para quem a pesquisa é dirigida. Nos artigos analisados foi possível delimitar quatro categorias de análises, que foram nomeadas como: a) anúncio do vínculo da pesquisa a projetos e instituições; b) posição enunciativa do pesquisador; c) orientação teórica legitimada; d) recomendação e expectativa. Nas categorias de análises a) e b) serão analisados fragmentos recortados do Artigo 1 – P(1), e nas categorias c) e d) serão analisados fragmentos recortados do Artigo 2 – P (2).

## **5. A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE O PESQUISADOR E SEUS INTERLOCUTORES NA ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS**

Neste item, vamos analisar o movimento dialógico estabelecido por P(1) e P(2) para instaurar seus interlocutores, e os efeitos dos sentidos dialógicos tanto no artigo 1, em que se evidencia uma discussão sobre os processos de alfabetização e letramento de alunos surdos pela Escrita da Língua de Sinais. Quanto no artigo 2, que busca discutir sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no ensino remoto.

Para mostrar o movimento dialógico, organizamos os dados em quadros identificados como: recortes do artigo (1) - Pesquisador 1; recortes do artigo (2) - pesquisador 2. Os recortes serão organizados e separados em fragmentos com a identificação numérica: fragmento (01), fragmento (02), fragmento (03) e fragmento (04), e cada fragmento analisado será identificado com o número da página da qual foi retirado. Vale ressaltar que tanto o artigo (1), quanto o artigo (2) possuem 04 fragmentos, e os quadros em que os fragmentos foram organizados apresentam fonte organizada pela autora.

### **5.1 Anúncio do Vínculo da Pesquisa a Projetos e Instituições**

Os fragmentos a seguir, são movimentos que mostram as raízes da pesquisa e de quem escreve a pesquisa. Estes são movimentos frequentes dos artigos analisados. Os locutores marcam o envolvimento da pesquisa diretamente em projetos de pesquisa e instituições. Um pronunciamento

enunciativo regular encontrado nos artigos analisados. Os dados a seguir, foram recortados do artigo que denominamos de P(1).

**Quadro 1- recortes do artigo (1)**

Fragmento	Pesquisador – P (1)
(01)	Este ensaio está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado Escrita da Língua de Sinais na educação bilíngue para surdos: análises sobre a constituição e a circulação da grafia da língua de sinais e sua aplicação na alfabetização e no letramento de surdos (p.02)
(02)	Nos últimos anos, na Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP), temos nos dedicado à utilização e observação do impacto da Escrita da Língua de Sinais (ELS) [...] é uma instituição filantrópica, mantida pela Associação Cruzeiras de São Francisco e administrada pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida (p.02-07)
(03)	Dessas experiências, tivemos a oportunidade de publicar trabalhos, proferir palestras, compor mesas redondas, elaborar projetos de extensão e de pesquisa, bem como participar de uma quantidade significativa de eventos, encontros acadêmicos, artigos científicos, livros e capítulos de livros, conjunto do qual o presente artigo faz parte (p.02)

Fonte: Organizada pela autora

Os fragmentos recortados do artigo de P(1), mostram a posição enunciativa de locutores na qualidade de professores pesquisadores sobre a constituição e circulação da Escrita da Língua de Sinais (ELS), através do sistema SignWriting, como sujeitos envolvidos diretamente com um projeto de pesquisa intitulado *“Escrita da Língua de Sinais na educação bilíngue para surdos: análises sobre a constituição e a circulação da grafia da língua de sinais e sua aplicação na alfabetização e no letramento de surdos”* e a uma instituição *“Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP).”* O movimento de apresentação do vínculo da pesquisa diz respeito ao envolvimento do pesquisador com uma rede de trabalho e uma linha teórica. Mostra para o interlocutor os laços a outras pesquisas, ou seja, é uma atividade que não é

fruto de uma inquietação particular, mas de um grupo de pesquisadores que investigam uma determinada área.

O vínculo anunciado pelo pesquisador, considera o que Bakhtin (1997) afirma sobre o querer-dizer do locutor. Nesse movimento, o pesquisador apresenta o vínculo anunciado como um elemento importante na compreensão do interlocutor a respeito da pesquisa. É a apresentação das origens da pesquisa, de como a pesquisa nasceu, e por que ela está sendo desenvolvida. O pesquisador quer mostrar para o seu interlocutor a relevância do assunto pesquisado, através de enunciados anteriores que constituíram o nascimento da pesquisa. O pesquisador instaura os seus interlocutores pressupostos como parceiros ou conhecedores dos enunciados referentes aos vínculos anunciados, pois, os interlocutores têm a capacidade de identificar o “intuito discursivo” do locutor, ou seja, a entender que a pesquisa dialoga com outros discursos, pelos quais ela é perpassada e constituída de outras palavras.

O vínculo com a escola *Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP)*, revela para o interlocutor uma parceira do grupo de pesquisa situado, como o local onde são desenvolvidos os objetivos do grupo de pesquisa, mostra-se como uma instituição permanente na realização das outras pesquisas desenvolvidas no grupo.

Além de apresentar a importância dos grandes vínculos, o enunciador escreve que *“Dessas experiências, tivemos a oportunidade de publicar trabalhos, proferir palestras, compor mesas redondas, elaborar projetos de extensão e de pesquisa, bem como participar de uma quantidade significativa de eventos, encontros acadêmicos, artigos científicos, livros e capítulos de livros, conjunto do qual o presente artigo faz parte.”* Essa é uma forma de mostrar a credibilidade e competência do grupo de pesquisa em que esta pesquisa encontra-se veiculada. Uma forma de mostrar os resultados alcançados, não só desta pesquisa, mas das outras pesquisas que já foram desenvolvidas. O pesquisador mostra que não se trata de uma pesquisa inicial, e sim, de uma pesquisa de continuidade, que vem sendo socializada e divulgada.

## 5.2. A posição Enunciativa do Pesquisador

Nesta categoria, os fragmentos analisados mostram a posição enunciativa de quem escreve a pesquisa. Os locutores apresentam-se como professores intelectuais que estimulam a ampliação de pesquisas na área da educação de surdos, e como uma voz que mostra ao seu interlocutor como ele deve fazer. Os dados a seguir, foram recortados do artigo que denominamos de P(1).

#### Quadro 2- recortes do artigo (1)

Fragmento	Pesquisador – P (1)
(04)	<p>Concluimos frisando nossa posição enquanto professores e investigadores da educação de surdos. Longe de quisermos orientar outros professores ou mostrar qual caminho deve ser seguido, assumimos o papel de intelectuais conforme apresentado por Foucault (2006), qual seja, sujeitos que colocam sob suspeita os hábitos há muito instaurados, fazem problematizações, cada um em sua área de conhecimento, para a partir disso fazer parte da formação de uma vontade política, a qual todos estamos associados enquanto cidadãos.</p> <p>(p.15)</p>

Fonte: Organizada pela autora

O fragmento (4) mostra a posição enunciativa de P(1), enquanto professores intelectuais, que fazem pesquisa a respeito da educação de surdos. A posição marcada de P(1), dialoga diretamente com os seus interlocutores. O verbo **concluir**, em primeira pessoa do plural, marca a presença de **nós**, que segundo Authier-Revuz (2004) é um **nós** que fala numa única voz, sendo uma enunciação conjunta. Assim, o **nós** aparece no sentido de quem escreve a pesquisa, os professores pesquisadores da educação de surdos. O “tu” não se inclui na posição enunciativa do sujeito, ele se encontra na posição daquele com quem se fala, ou seja, para quem a pesquisa é direcionada.

Nesse fragmento, os locutores implicam um “tu” a partir do momento em que o pesquisador se mostra materializando a finalidade da pesquisa. Esta, é marcada como um elemento relevante, pois o interlocutor precisa entender a finalidade de quem escreve a pesquisa. O sujeito, enuncia como professores que investigam e buscam incentivar com as experiências relatadas outros professores a pesquisar e evoluir no ensino de surdos.



Neste diálogo, Bakhtin (1997) discorre que o locutor enuncia de acordo com o que ele espera do seu interlocutor, que não se trata de uma compreensão passiva. O locutor mostra a imagem que ele tem do seu interlocutor, articula seus enunciados em posições de mostrar suas experiências e de mostrá-los em relação à relevância de fazer pesquisa sobre a educação de surdos. P(1) mostra que o seu diálogo com o interlocutor, não é no sentido de dizer como deve ser feito, mas relatar o que foi feito e a partir daí convidá-lo para pesquisas futuras sobre o ensino de língua para surdos.

### 5.3. Orientação Teoricamente Legitimada

É um movimento de diálogo entre o pesquisador e o discurso alheio. Os fragmentos analisados mostram a voz do outro na função de ajudar e apoiar o próprio dizer do pesquisador, primeiro pela citação indireta e, logo após, pela citação direta. São palavras alheias que atravessam o dizer de quem escreve a pesquisa, algo recorrente em trabalhos científicos, pois a presença de discursos já ditos é uma das normas exigidas pela escrita acadêmica. Os dados a seguir foram recortados do artigo (2) que denominamos de P(2).

**Quadro 3- recortes do artigo (2)**

Fragmento	Pesquisador – P (2)
(01)	[...] Os autores afirmam que os profissionais envolvidos na educação, devem fazer uso das tecnologias a fim de proporcionar aos alunos uma amplitude no processo de aprendizagem, por meio do estabelecimento de conexões entre as informações e a diversidade dos conteúdos trabalhados e aprendidos em sala de aula (LÉVY, 1999; CRUZ, 2008) (p.36)
(02)	[...] o papel do professor é fundamental, pois é considerado um “incentivador que torna-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de fornecedor direto de conhecimentos” (LÉVY, 1999, p. 158) (p.37)

Fonte: Organizada pela autora

Neste fragmento, o diálogo estabelecido entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos, é percebido através de uma orientação feita aos

profissionais da educação “*profissionais envolvidos na educação, devem fazer uso das tecnologias*”. A orientação materializada não é feita diretamente pelas palavras de quem escreveu a pesquisa, mas mostrada por uma orientação teórica, P(2) orienta os profissionais da educação através de discursos outros, que neste caso, é uma orientação atravessada pelas vozes discursivas de “LÉVY, 1999; CRUZ, 2008”.

Nesse movimento, a orientação teórica mostra o pesquisador preocupado com a posição tomada por seus interlocutores ao receber essa orientação. Dessa forma, ele busca meios que comprovem cientificamente a eficácia daquela orientação. Bakhtin/Volóchinov (2017) afirma que qualquer transmissão apresenta seus objetivos específicos, isso porque a transmissão é voltada e direcionada a um terceiro, este, trata-se do seu ouvinte. Diante disso, esta orientação carrega um objetivo, na qual o pesquisador faz negociações de sentidos com o discurso dos autores citados, em busca de dizer para seus interlocutores que a orientação é segura, está certa e deve ser seguida.

Para apresentar a importância do papel do professor ao seu interlocutor, o pesquisador faz movimentos de sentido com o discurso alheio “[...] *o papel do professor é fundamental, pois é considerado um “incentivador que torna-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de fornecedor direto de conhecimentos” (LÉVY, 1999, p. 158)*”, a vista disso, o pesquisador dialoga com o discurso teoricamente legitimado de Pierre Lévy, que por sinal, tem a voz esperada em pesquisas que discutem as tecnologias, pois, ele é um pesquisador que estuda o impacto da internet na sociedade, as humanidades digitais e o virtual.

O diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores pressupostos apresenta-se também pelo modo como ele mobiliza e explora a palavra do outro no seu enunciado. O pesquisador menciona as palavras do outro marcada por aspas “*incentivador que torna-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de fornecedor direto de conhecimentos (LÉVY, 1999, p. 158)*” ou seja, pelo discurso direto, no sentido de manter a essência do discurso alheio, e de transparecer a limitação da palavra do pesquisador e do outro.

A citação direta é empregada como um método para dizer ao seu interlocutor, que a orientação apresentada não é dita diretamente por ele, e

sim, por uma voz legitimada, experiente e com fundamentos relevantes sobre o assunto que está sendo discutido. Esta, por sua vez, apresenta-se como uma forma de apoiar o dizer do pesquisador, e de convencer o interlocutor a seguir a orientação situada. Portanto, o pesquisador passa a autonomia da orientação para o discurso alheio, a partir do seu próprio enunciado, apresentando-se também, como uma forma de comprovar que a pesquisa desenvolvida é relevante, e constituída de outras vozes que são recorrentes em trabalhos sobre as tecnologias.

#### 5.4. Recomendação e Expectativa

Nesta categoria, iremos analisar o movimento de diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores, a partir de recomendações sobre o desenvolvimento do trabalho com os multiletramentos na sala de aula, e de expectativas sobre métodos de ensino com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Recomendações e expectativas são movimentos que se apresentam com bastante frequência na escrita de artigos científicos. Vale ressaltar que por essa perspectiva o pesquisador apresenta um grau de atenção muito relevante para que suas recomendações sejam aceitas e seguidas, ou seja, o pesquisador expressa-se de tal maneira que convença o seu interlocutor. Os dados a seguir foram recortados do artigo (2) que denominamos de P(2).

**Quadro 4- recortes do artigo (2)**

Fragmento	Pesquisador – P(2)
(03)	[...] espera-se que este artigo auxilie os professores na inserção destes espaços com qualidade, motivando-os ao uso das práticas de ensino e incentivo da leitura com o auxílio de metodologias que contemplem a diversidade de gêneros e tipos textuais que compõem a Língua Portuguesa, a partir do uso das TDIC (p.50)
(04)	Em sala de aula o trabalho com os multiletramentos pode ser voltado ao desenvolvimento de atividades de ensino e de aprendizagem com o intuito de promover a leitura e a escrita frente às diferentes práticas sociais das linguagens (p.41)

Fonte: Organizada pela autora

Nos fragmentos acima, P(2) mostra expectativas e recomendações direcionadas aos seus interlocutores pressupostos. O verbo **esperar**, no trecho “*espera-se que este artigo auxilie os professores...*” em terceira pessoa do singular, expressa uma ideia de expectativa daquele que escreve a pesquisa, para aquele a que a pesquisa é direcionada. Neste caso, trata-se da expectativa que o pesquisador espera dos professores que estão em salas de aula de alunos da educação básica, um interlocutor que não está nas limitações do universo acadêmico.

O verbo **auxiliar** em terceira pessoa, instaura a posição enunciativa do pesquisador em contribuir com um método de ensino dos professores de língua portuguesa, a partir da inclusão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Além de expressar expectativa de contribuição, o pesquisador também mostra indícios de uma expectativa, a partir do que Bakhtin (1997) denomina de compreensão responsiva ativa, pois o pesquisador constrói enunciados a partir da imagem que ele cria do seu interlocutor. O pesquisador sempre se direciona a alguém, sempre há indícios de apelo pela resposta do interlocutor, que neste caso, o pesquisador espera uma resposta positiva dos professores, ou seja, que os professores possam refletir e adotar o método de ensino de língua portuguesa com o uso das TDIC.

O pesquisador tem conhecimento de que há um expectador, portanto, ao enunciar, ele faz negociações de sentidos com a finalidade de apresentar ao interlocutor uma expectativa pela resposta. O pesquisador constrói os enunciados, à medida que, o interlocutor seja um responsável ativo de sua contribuição, por isso, ele modaliza o seu diálogo apresentando uma expectativa, não no sentido de orientar, de instruir ou de recomendar, mas no sentido de ter desejo e esperança da resposta do seu expectador.

No trecho “*Em sala de aula o trabalho com os multiletramentos pode ser voltado ao desenvolvimento de atividades de ensino e de aprendizagem com o intuito de promover a leitura e a escrita frente às diferentes práticas sociais das linguagens.*” O pesquisador dialoga com seu interlocutor, a partir de uma das formas de recomendação. Olhando para o contexto do enunciado, a expressão “**pode ser**” apresenta uma recomendação aos professores da educação básica. A recomendação exposta, é vista pelo viés de possibilidade, já que o

pesquisador não se coloca em uma posição enunciativa no sentido de dizer como deve ser e que os professores são obrigatórios a seguir, mas no sentido de o professor receber a recomendação como uma possibilidade de refletir sobre o trabalho dos multiletramentos na sala de aula.

O pesquisador constrói enunciados de tal forma que não pareça uma recomendação impositiva, mas constitui através de formas linguísticas que transmitem a possibilidade de reflexão. A recomendação se apresenta também, como uma opção que o pesquisador indica ao seu interlocutor e que pode ou não ser seguida.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, fomos em busca de entender como o pesquisador dialoga e instaura seus interlocutores por formas linguísticas discursivas na escrita de artigos científicos. As discussões que desenvolvemos sobre o referido diálogo nos possibilitaram olhar para a escrita de artigos científicos como uma escrita endereçada, isso significa que o interlocutor não se encontra fora do texto, ele se faz presente dentro do texto, à medida que não há como dizer “eu” sem dizer “tu”, pois não há como o eu escrever sem endereçar a escrita para alguém.

As análises desenvolvidas nos possibilitaram ver a presença de diferentes interlocutores na escrita do pesquisador que ocupa uma posição daquele que se preocupa em saber lidar com a alteridade de diferentes leitores, estes, podemos entender por dois viés, o primeiro destina-se aos interlocutores avaliadores e, o segundo aos interlocutores específicos da área em que trata-se a pesquisa.

No caso dos artigos científicos, os interlocutores se fazem presentes desde a publicação, e estes se constituem pela banca que vai ler e avaliar a pesquisa. A partir do momento em que a pesquisa é publicada, ela apresenta uma legitimidade de que é discurso científico, pois quem escreveu a pesquisa, buscou atender as normas da cultura acadêmica. Neste ato de publicação, não se pode negar que o interlocutor faz parte da função da filiação teórica, porque eleger autores é fundamental, mas é o avaliador/interlocutor que diz se o artigo é válido ou não para a publicação. Se o artigo for publicado, a filiação foi

aprovada pela banca. O artigo começa a circular e fortalece a filiação a uma linha de pensamento, a partir da divulgação e do diálogo com diferentes interlocutores.

Em relação aos interlocutores específicos da área, o pesquisador escreve para um público leitor que vai ler o artigo enquanto produção de conhecimento científico, pessoas interessadas na discussão, no caso dos artigos analisados são professores que buscam por conhecimentos na área de língua e ensino.

No artigo de P(1), ele instaura seus interlocutores pelo movimento de deixar à mostra as raízes da pesquisa. Este movimento não aparece de uma maneira que seja apenas para contextualizar ou seguir as regras de apresentação no resumo, mas sim, uma maneira de dizer aos leitores que a pesquisa tem vínculos com outras pesquisas, de mostrar a relevância do assunto pesquisado, e de mostrar mais um resultado entre tantas outras pesquisas que foram desenvolvidas sobre o assunto em questão. P(1) também mostra a sua posição enunciativa enquanto professor que pesquisa e incentiva professores a novas pesquisas. Este movimento é muito importante porque o interlocutor recebe a escrita como experiências vividas, como motivações podendo ver o quanto é relevante pesquisar sobre a área do seu trabalho.

Na escrita do artigo de P(2), nós podemos observar a presença do interlocutor pela orientação que P(2) faz esta, por sua vez não é feita apenas por suas palavras, ou seja, pelo seu ponto de vista, P(2) orienta seus interlocutores pela legitimidade do discurso científico, por vozes da ciência. Vale ressaltar, que neste movimento P(2) deixa marcado as limitações do seu dizer ao dizer do outro, assim, marcando o discurso autoral do discurso alheio. P(2) também faz recomendações aos seus interlocutores, que são os professores da educação básica. Essas recomendações não são marcadas por ordem ou porque devem ser seguidas, ou seja, não se busca dizer o que deve ser feito, as recomendações são mostradas por expectativas a respeito da compreensão responsiva ativa daquele que ler sua escrita.

Dessa forma, concluímos que o diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores se constroem de acordo para quem ele direciona a escrita. Este direcionamento exige dedicação em busca de melhor expressar o que quer dizer, para assim, tornar possível a compreensão por parte daquele que a

escrita é direcionada. O pesquisador preocupa-se em organizar o seu dizer de acordo com os níveis de conhecimentos que seus interlocutores pressupostos possuem.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Jaqueline. Heterogeneidade(S) Enunciativas(S). Cad. Est. Ling., Campinas, (19): 25-42, ju/dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, 1895-1975. Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Em Santana Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2' cd. – São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

\_\_\_\_\_. M. M. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. 12ª Edição – 2006 – HUCITEC

\_\_\_\_\_. Mikhail. Os gêneros do discurso. Bezerra, Paulo. São Paulo: Editora 34, 2016.

CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça. Et. al. Os processos de alfabetização e letramento de alunos surdos a partir da escrita da língua de sinais no sistema SignWriting. Revista Afluente, UFMA/Campus III, Dossiê Especial, v. 4, n. 11, maio/ago. p. 24-43, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/11679>

DAVID, Ricardo Santos. Tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino da língua portuguesa. Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v.04, n.02, p.35-53, dez. 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2403/1714>

FARACO, Carlos Alberto (2003). Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz | Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2011.

FRANÇA, K. C. F. A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua. 2018. 176f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24926/1/KatiaCileneFerreiraFranca\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24926/1/KatiaCileneFerreiraFranca_TESE.pdf)

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.



\_\_\_\_\_. S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895-1936. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo - São Paulo: Editora 34, 2017.